

CULTURAS JUVENIS, TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**JUVENILE CULTURES, INFORMATION TECHNOLOGY AND CONTEMPORANEITY****Débora Raquel da Costa Milani¹****RESUMO**

Com este trabalho pretendemos analisar a contemporaneidade e possíveis impasses, colocados pelas culturas juvenis. A metodologia utilizada foi a pesquisa de tipo etnográfico que favorece a finalidade de mapear a instituição escolar e as práticas juvenis inseridas no contexto dos desafios tecnológicos e midiáticos. Como resultado da pesquisa observou-se que os jovens de uma escola pública da região de Matão, Estado de São Paulo, Brasil, não se conformam às pressões materiais, ao contrário, querem influenciar o mundo em que vivem a partir da criação de novas maneiras de vivência da cultura. Daí a preferência pelas mídias digitais, pois são desenvolvidos outros modos de percepção de tempo e espaço e novas técnicas cognitivas.

Palavras-chave: Tecnologias da Informação – Culturas Juvenis – Contemporaneidade.

ABSTRACT

With this work, we intent to: analyse the contemporaneity and impasses possibles, presented by juvenile cultures. The methodology used was research of the ethnographic type which favors the objective of mapping the academic institution and juvenile practices inserted in a context of technology and media challenges. As a result, it was observed that youngsters of a public school in the region of Matão, São Paulo State, Brazil, don't comply with material pressure. On the contrary, they want influence the world they live in starting from the creation of new ways of living the culture, which results in a preference for digital media, ways of space and time perception as well as new cognitive techniques are developed.

Keywords: Information Technology – Juvenile Cultures – Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

As mudanças que vivenciamos são constantes e foram aceleradas na última década, principalmente pelos avanços científicos e tecnológicos que, juntamente com as transformações econômicas e sociais, revolucionaram as formas como nos comunicamos, nos relacionamos com as pessoas e com o mundo ao redor. Encurtaram-se as distâncias, expandiram-se as fronteiras, o mundo ficou globalizado. As novas tecnologias estão relacionadas com todas essas transformações e integram o mundo acentuando a diversidade cultural.

O abismo cultural entre as gerações torna-se ainda mais evidente quando as atenções se voltam para as relações destas com a tecnologia.

O saber é fruto de uma busca incessante, curiosa e inquieta. O saber só pode existir na invenção e reinvenção que acontece no contato com o outro, com o mundo.

Paulo Freire (1996, p.46) afirma que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como um ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos.

A juventude é a fase da vida por excelência do assumir-se, em especial, nas duas últimas décadas, quando foi vista como impulsionadora de mudanças político-sociais e das relações humanas. A juventude que durante anos ficou centrada numa perspectiva geracional e unificadora e que evidenciava a rebeldia passou a ceder lugar a análises e representações que levam em consideração o que o jovem tem a dizer, o que ele tem a mudar, pois passou a ser visto como ser participativo, capaz de solucionar os problemas sociais que o atinge, das mais variadas formas.

Há a emergência de uma nova geração, com uma constituição radicalmente diferente. Desta forma, surge uma evidente necessidade de se teorizar a juventude contemporânea e pensá-la como um fenômeno de complexidade e contradição.

Se a juventude vive na pós-modernidade, também vive em muitos

outros contextos; daí a construção social e discursiva envolver um complexo que inclui a escolarização, mas que não está limitada a ela. Existem fatores como os meios de comunicação, o rock, a droga, e várias outras formações subculturais.

Quanto a isso, ainda podemos observar o que Canevacci (2005, p.18) afirma:

[...] ao longo dos fluxos móveis das culturas juvenis contemporâneas - plurais, fragmentárias, disjuntivas - as identidades não são mais unitárias, igualitárias, compactas, ligadas a um sistema produtivo de tipo industrial, a um sistema reprodutivo de tipo familiar, a um sistema sexual de tipo monossexista, a um sistema racial de tipo purista, a um sistema geracional de tipo biologista.

Então, afinal, o que é ser jovem em nossa sociedade? Como as tecnologias da informação e comunicação estão presentes nas culturas juvenis?

Para entendermos um pouco mais sobre a figura do "jovem" importa saber como ela se apresenta no imaginário. Assim, não teremos uma única resposta a essa indagação, até porque, não há somente "um" imaginário.

Segundo a revista *Veja* intitulada: "Os Jovens" (2003), o termo corresponde à faixa etária entre 15 e 22 anos. Contudo, observam-se inúmeros inconvenientes ao se delimitar a figura do "jovem" apenas a um recorte numérico, pois na cultura ocidental e contemporânea há grande complexidade envolvendo este termo.

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) - Lei 8.069 de 13/07/1990 (Artigo 2º) considera criança, a pessoa de até 12 anos incompletos e adolescentes aquele de 12 a 18 anos.

Caracterizar a juventude dentro de uma faixa etária é uma maneira muito comum utilizada para compreendê-la. No entanto, se observa a recorrência do tema da juventude em várias pesquisas realizadas nas últimas décadas e a dificuldade para definir o termo é enorme.

Alguns autores brasileiros enfatizam essa afirmação, pois enquanto construção cultural e social não é possível chegar a uma definição fechada e única sobre esta fase da vida do ser humano.

As identificações são múltiplas, diferentemente da identidade almejada na modernidade. Desejava-se a homogeneidade nas práticas sociais, assim o controle seria exercido mais facilmente.

Adorno (1995) evidencia que o problema propriamente dito da emancipação hoje é: quem é “a gente”? O fato é que novas ou velhas, as identidades sempre existiram, a diferença está em termos ou não consciência daquilo que somos e pretendemos fazer. Essa consciência está se tornando cada dia mais escassa, pois a identidade sofre influência de imagens, modelos, que circulam na mídia e que não nos permitem refletir e sim simplesmente aceitar tudo de forma passiva.

Adorno (1978) afirma que a Indústria Cultural oferece às pessoas uma satisfação compensatória ao despertar nas mesmas uma sensação de que o mundo está em ordem. O efeito de conjunto da Indústria Cultural é o de uma dominação técnica progressiva, impedindo a formação de indivíduos autônomos, capazes de julgar e decidir conscientemente.

O discurso publicitário pontua a cotidianidade televisiva; sendo assim, esse discurso age como um dispositivo de controle social e está principalmente vinculado pela publicidade.

Quando a tecnologia é utilizada para acabar com as distâncias espaciais, temporais, em vez da homogeneidade o que se vê é a heterogeneidade ser desvelada, pois os seres humanos não mais precisam ficar isolados no “seu mundo”, mas sim são emancipados a conhecer novos modos de vida.

Contudo, segundo Becker (1995), a questão da emancipação é a rigor um problema mundial, no fundo não somos educados para a emancipação. Em muitas escolas persiste o domínio de um estilo totalmente autoritário de educar. Para conquistar a tão almejada emancipação seria necessário superar por meio do esclarecimento, o falso conceito de talento, pois o mesmo não se encontra previamente configurado nos homens, mas depende do desafio a que cada um é submetido.

A fronteira entre a exclusão social e a sobrevivência cotidiana está cada vez mais indistinta para um grande número de pessoas em todas as sociedades.

Paulo Freire (1979) sempre fez questão de frisar que a educação

não é maior do que o homem. Ele sempre quis livrar a educação de ser pensada como sagrada e imutável. Dizia ser necessário dessacralizá-la, pois somente àqueles que desejam exercer seu poder com autoritarismo tornam-na sagrada.

Paulo Freire (1979, p.28) afirma que: “[...] a educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela”.

É possível identificar no cotidiano as muitas manifestações que permitem o trabalho sobre a pluralidade: as notícias de jornal, rádio, TV, o conhecimento do contexto social real que o aluno está inserido, intercâmbios entre escolas de diferentes municípios de um mesmo Estado e de diferentes regiões do Brasil.

É importante abrir espaço para que o aluno possa manifestar-se. O exercício efetivo do diálogo como propõe Paulo Freire (1994), é voltado para a troca de informações sobre vivências culturais e esclarecimentos a cerca de eventuais preconceitos e estereótipos. O diálogo é componente importante para o convívio democrático. O autor evidencia que o papel do educador não é propriamente falar ao educando sobre sua visão de mundo ou lhe impor essa visão, mas dialogar com ele sobre sua visão e a dele. Sua tarefa é problematizar a realidade concreta do educando, problematizando-se ao mesmo tempo.

Apresenta assim, uma “Concepção problematizadora de educação”. Nesta concepção, processo pressupõe dinamismo, pois o mundo vivenciado não é estático, ao contrário, é dinâmico e está em constante transformação. Neste processo, o saber construído admite a necessidade de transformar o mundo, porque assim, os homens se percebem como seres históricos. Para que esse saber possa ser real, o conhecimento não pode advir de um ato de doação que o educador faz ao educando, mas sim, acontece no contato do homem com o mundo vivenciado.

O diálogo é o encontro dos homens mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Essa é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados desse direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados

no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que esse assalto desumanizante continue. (FREIRE, P., 1970, p.93).

Nessa perspectiva, supera-se a relação vertical, estabelecendo-se a relação dialógica. O diálogo supõe troca, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Desse processo, advém um conhecimento que é reflexivo, e implica o constante desvelamento da realidade, ao posicionar-se nela.

Parafraseando Paulo Freire (1970), quando uma investigação é realizada, o importante é analisar os homens a partir das suas linguagens e pensamentos coerentes as suas realidades e a maneira que são percebidas, bem como suas formas de interpretar o mundo.

Pudemos perceber que a cultura não é um conjunto de sistemas harmoniosos e devidamente fechados entre si mesmos; há o “choque” entre as culturas, o impacto, incoerência e falta de coordenação. Há a disseminação de novidades a todo instante, espontaneidade e mudanças drásticas. Tudo isso combina com a ambivalência cultural existente em nossa sociedade.

Através da globalização temos num planeta imenso, o cenário propício para que haja o desenvolvimento dos meios eletrônicos, digitais de comunicação que possuem uma natureza simbólica própria para servirem de vínculo básico a um grupo social.

Desta forma, há novas maneiras de territorialidade em que as pessoas buscam estar em comunhão e assim vão se identificando. A grande mídia serve como suporte material (concreto ou virtual) para que aconteça a identificação e comunhão.

Maffesoli (1996, p.263, grifo do autor) nos diz que:

[...] pode-se pensar que o espaço social da pós-modernidade integra também um “território” que seja de algum modo, uma *cosa mentale*, uma especie de materialidade mística [...] Sem falar da “aldeia global”, é certo que o desenvolvimento tecnológico de ponta dá uma outra perspectiva do espaço social, uma perspectiva diferente das do isolamento ou da gregariedade às quais estamos habituados.

Na atualidade, as tecnologias da informação e comunicação representam esse território que é cruzado, compartilhado entre os jovens e que

será um elemento essencial para a constituição da identidade de um grupo.

Contrera (2002) evidencia que a mídia devido seu amplo poder de alcance em praticamente todos os espaços é considerada uma das grandes operadoras na construção do que Maffesoli denomina de uma ética da estética. Sobre esse conceito ele diz: “Eis a ética da estética: o fato de experimentar junto algo é fator de socialização.” (MAFFESOLI, 1996 p.38).

Quando o sentimento social de comunhão vai se estabelecendo nas relações que acontecem cotidianamente, uma nova identidade social passa a ser constituída. O autor faz uma reflexão sobre o reposicionamento que a comunicação assume em nossa sociedade, pois observa a reconfiguração dos processos comunicacionais com a utilização das mídias. Detecta uma forma de viver própria da contemporaneidade, ao evidenciar que embora existam os traços racionais da modernidade há concomitantemente aspectos da sensibilidade. Vislumbra assim, um código partilhado por muitos jovens que irá definitivamente conduzir à troca, à interação, ao estar-junto.

Tornou-se necessário criar espaços para a identificação e o diálogo entre várias formas de linguagem, permitindo que as pessoas se expressem de diferentes maneiras.

A linguagem, por si só, já constitui um instrumento de interação entre o pensamento humano e o seu meio. Essa comunicação pode ocorrer de modo direto ou pode ser mediada por outros instrumentos e artefatos tecnológicos (PRETI, 2000).

Os meios de comunicação de massa têm um papel imprescindível a desempenhar, pois junto com eles, novas técnicas cognitivas, maneiras de vivenciar a cultura, modos de percepção do tempo e espaço são desenvolvidos.

Sodré (2001) diz que a televisão simula a realidade factual temporalizando o espaço, colocando fim à divisão entre imagem e referente – a biologia genética e as diversas tecnologias “cosméticas”, dá a imagem uma livre combinatória de identidade pessoal e no ritmo da moda.

Outeiral (2003) diz que o ciberespaço também intervém no conceito de identidade, o que nos é dado pelo conceito de “hiper corpo”. A virtualização do corpo incita as viagens e a todas as trocas. O transplante cria uma grande

circulação de órgãos entre os corpos humanos... Cada corpo torna-se parte integrante de um imenso hipercorpo híbrido e mundializado.

Na sociedade dos “*mass media*”, o corpo humano torna-se permeável às transformações técnicas - próteses, cirurgias plásticas, novas silhuetas.

Castells (2003) afirma que essa nova ordem tecnocultural põe em crise o corpo humano real, pois o nega, incitando sua superação por meio de práticas, cujo objetivo é chegar até o limite do humano e se possível vislumbrar o inumano - ocorre uma mutação identitária. A identidade desenraizasse, se libera de suas contenções físicas localizáveis num espaço determinado e aceita possibilidades inéditas de heterogeneização ou mesmo de fragmentação. Por esse motivo, no contexto em que estamos inseridos a palavra “identificação” é mais forte que a palavra “identidade”, pois enquanto a primeira sugere processo e alteração, a segunda apresenta traços de unidade e estabilidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O grande desafio de educadores, pesquisadores, é compreender de que forma, as tecnologias da informação e comunicação podem funcionar como meio de auxílio para o desenvolvimento do ensino.

Sabendo que os jovens são produtores de informação e não simplesmente passivos consumidores, é preciso criar estratégias de uso das redes sociais que servem como interatividade e aprendizagem de grupos, pois os relacionamentos e as trocas de experiência acontecem através destas redes.

Na rede, aprender é descobrir significados, elaborar novas sínteses e criar elos (nós e ligações) entre parte e todo, unidade e diversidade, razão e emoção, individual e global, advindos da investigação sobre dúvidas temporárias, cuja compreensão leva ao levantamento de certezas provisórias ou a novos questionamentos relacionados com a realidade. (ALMEIDA, 2003, p.71).

O processo de aprendizado com a utilização das tecnologias da informação e comunicação é de colaboração, onde é possível o que temos de

conhecimento contribuir com o aprendizado do outro. Aprender colaborativamente significa desenvolver habilidades como: analisar, refletir, selecionar, atribuir significado, devolver a informação de acordo com a sua interpretação e contribuir numa discussão para o aprendizado do outro.

Essa característica de sociabilidade deve ser aproveitada para a estimulação dos novos conhecimentos. Diante das tecnologias da informação e comunicação é possível descortinar-se um mundo ainda mais ávido em busca da construção de conhecimentos que não somente serão escolares, mas também, outros tipos de conhecimento.

Os meios de comunicação e informação são imprescindíveis para ocorrer à interação e se articulam para contribuir cada vez mais com as possibilidades de acesso, convergência de meios tecnológicos e de mídias, que permitem o acesso ao conhecimento de qualquer lugar e parte do mundo modificando substancialmente as várias formas de pensar, comunicar e educar.

Teixeira (1990) afirma que a educação é o instrumento garantidor do monopólio intelectual exercido pelo Estado em nome da classe dirigente. Em nome de ideais políticos e pedagógicos diversos, organiza-se a escola de forma semelhante, porque o que conta é a racionalização da produtividade organizacional. A organização burocrática é o modelo mais adequado as metas do produtivismo. A escola passa a ser um mecanismo de controle social, conduzindo a eliminação da diferença e homogeneização da sociedade. Tudo o que não pode ser explicado pelos critérios da eficácia, da utilidade e do rendimento, precisa ser eliminado, pois causa “desordem”. Esse fundamento, diz a autora, encontra-se no paradigma clássico que se apoia numa “razão técnica” e induz a racionalidade tecnoburocrática e ao reducionismo.

A formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva, em oposição à práxis, seria a cultura do espírito.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. A Indústria Cultural. In: COHN, G. (org.) **Comunicação e Indústria Cultural**: Leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade 4.ed. SP: Nacional, 1978. (Biblioteca universitária. Série 2º Ciências Sociais, v.39).
- _____. **Educação e Emancipação**, tradução e introdução de Wolfgang Leo Maar, SP, Paz e Terra, 1995.
- ALMEIDA, F. J. E.; ALMEIDA, M. E. B. **Avaliação em meio digital**: novos espaços e outros tempos. Miami: VIRTUAL Educa, 2003.
- BECKER, H. S. A new art form: Hypertext fiction. In M. L. Santos (org.), **Cultura & economia – actas do colóquio realizado em Lisboa, 9-11 de Novembro de 1994**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1995.
- BOUER, Jairo. Informação não basta. Os Jovens. **Revista Veja**. São Paulo, n.24, ago.2003. Edição especial.
- CANEVACCI, M. **Culturas extremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CASTELLS, M. O Poder da Identidade (**A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura; v.2). São Paulo, Paz e Terra, 2003.
- CONTRERA, M. S. **Mídia e pânico**: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia. São Paulo: Annablume, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- _____. **Educação e mudança**. 22.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- OUTEIRAL J. **Adolescer-Estudos Revisados Sobre a Adolescência**. Rio de Janeiro, Editora Revinter, 2003.
- PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis da fala: um estudo do diálogo na literatura brasileira. São Paulo, Ed. USP, 2000.
- SODRÉ, M. **Reinventando @ Cultura**: a comunicação e seus produtos. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

TEIXEIRA, M. C. S **Antropologia Cotidiano e Educação**. Rio de Janeiro: Editora Imago 1990.

¹ Débora Raquel da Costa Milani. Professora da Faculdade de Taquaritinga UNIESP- FTGA/ Doutora em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”- UNESP CEP: 14.800.901 – Araraquara. São Paulo. Brasil. Email: deb.milani@yahoo.com.br

RECEBIDO EM: maio/2014

APROVADO EM: junho/2014